

## **Professor Emérito Miguel Cione Pardi<sup>1</sup>**

- Ícone da Inspeção Sanitária Nacional morre aos 93 anos -

Pedro E. de Felício (<sup>2</sup>)

Tradicional criadores de gado zebu ainda se recordam, outros ouviram contar a polêmica história das importações de Nelore da Índia, do início da década de 60, quando o diretor geral do Departamento Nacional de Produção Animal, do Ministério da Agricultura, as proibiu. Contudo poucos conhecem a versão de quem viveu o dilema de conceder ou não a autorização, optando por dever de ofício pela negativa, ainda que sofrendo com isso, entusiasta que era dos êxitos do gado indiano no Brasil e, em especial, daquela raça de orelhas pequenas, que demorava um pouco mais para ser adotada no país.

Pois foi uma das mais ilustres figuras da Inspeção Sanitária Animal brasileira, o próprio Dr. Miguel Cione Pardi, o diretor que negou a permissão para importar gado da Ásia. E o que segue é um resumo da sua explicação em “*A Epopéia do Zebu – Um Estudo Zootécnico-Econômico, 1944-1994*”, publicado, em 1996, com outros três destacados veterinários. Com esse livro, deixando documentada a sua justificativa histórica, o insigne professor estava encerrando a profícua carreira iniciada em 1936, quando se graduou pela antiga Escola Nacional de Veterinária do Rio de Janeiro.

A decisão de 1961 teria uma repercussão extraordinária porque, proibindo a importação, sua atitude iria contrariar os “propósitos de personalidades às quais devotava profunda admiração e amizade, como Veríssimo Costa Junior (Nenê Costa) e Rubens de Andrade Carvalho (Rubico Carvalho)”. Entretanto, permitindo que fosse feita, estaria ignorando as recomendações de organismos internacionais e dos países vizinhos, mormente Argentina e Uruguai, sobre possíveis surtos de doenças que estariam ocorrendo na Índia, tais como febre aftosa pelo vírus Ásia I, peste bovina, *bluetongue*, e pleuropneumonia contagiosa,.

Diante dos argumentos envolvendo a defesa sanitária, as discussões existentes à época sobre os aspectos zootécnicos tornavam-se pouco importantes. Logo, sob a responsabilidade do Dr. Pardi, o órgão oficial considerou “inevitável a necessidade de proteção de nossos rebanhos, fonte de alimentos nobres e de divisas e, também, de respeitar o patrimônio pecuário dos países do continente”. Mais tarde ele escreveria: “Veríssimo Costa Junior e Rubens de Andrade Carvalho, diletos amigos, quando

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, ano 5, n.º28, set./out. 2005, p.134-135.

<sup>2</sup> Diretor associado da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp. CP 6121, 13083-862 Campinas SP.

atingidos por nossa atitude intransigente, portaram-se com emocionante nobreza e dignidade”. E concluiria:

“Felizmente para a nossa pecuária bovina, permitiram os fatos que a importação da Índia tivesse sido realizada - graças à imposição de uma quarentena na distante Ilha de Fernando de Noronha - sem conseqüências sanitárias negativas”. Três touros dessa importação ficariam para sempre gravados na história da raça Nelore: Karvadi, Godhavari e Taj Mahal, “cujas descendências ativaram extraordinariamente o interesse pela raça, estimulando sua vertiginosa multiplicação”.

Este relato expõe a firmeza de caráter de um profissional honrado que colocava os ditames da ciência veterinária acima de seus interesses pessoais, mas obviamente é pouco para traçar um perfil do venerável professor, que, como estudioso da indústria da carne forneceu subsídios à criação, em 1952, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, hoje BNDES. E que, no Serviço de Inspeção Federal, em paralelo à rotina de inspetor, realizou estudos sobre cisticercose e tuberculose com carcaças bovinas e suínas em números nunca antes coligidos no país, além de iniciar e conduzir por 13 anos um inquérito sobre as condições zootécnicas e sanitárias dos bovinos abatidos, no Frigorífico Anglo, entre 1944 e 1994.

Nas funções universitárias, a partir de 1961, foi professor titular da Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense, onde se aposentou em 1982 e foi, em seguida, agraciado com o título de Professor Emérito. Enquanto docente, também atendia a solicitações oficiais para atuar em comissões de alto nível como, por exemplo, quando foi relator das “Normas Higiênico-Sanitárias e Tecnológicas para a Exportação de Carnes” (1965/66), que determinou dentre outras providências a recomendação de implantar-se a esfolação aérea no abate bovino, e a exigência de que a seção de desossa passasse a funcionar em ambiente fechado e climatizado, antecipando futuras exigências dos países importadores, de modo que as aprovações pelas missões sanitárias estrangeiras tornaram-se uma constante (J. Christovam Santos. O Serviço de Inspeção Federal na Área da Carne. São Paulo, 15 p. Inédito).

Em 1986, o professor Pardi foi eleito Membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária, e, em 1988, recebeu da Presidência da República a Comenda da Ordem do Rio Branco. Seu livro *Ciência, Higiene e Tecnologia da Carne*, editado pela Universidade Federal de Goiás, é amplamente utilizado, no país todo.

Carlos Arthur Ortenblad, em mensagem a essa coluna há cerca de dois anos, escreveu: “O professor Pardi foi certamente um dos homens mais honestos que

conheci. Quando meu pai fundou, em 1969, a Associação Brasileira dos Criadores de Tabapuã, o Pardi foi o primeiro Diretor Técnico da ABCT. Em um país como o nosso, que não tem memória, é um ato de justiça e de gratidão prestar homenagem a um gigante de competência e de honradez”.

Miguel Cione Pardi nasceu em 17 de fevereiro de 1912, em Monte Azul Paulista, SP, filho de imigrantes italianos. Viveu modestamente, sem arroubos de vaidade pessoal. Faleceu no dia 09 de julho deste ano, em Niterói, RJ, deixando inúmeros admiradores, muitos dos quais seguidores de sua inflexível linha de conduta ética e profissional.